



Comunicação Social/Prefeitura de Diadema

A simples presença dos guardas civis reduziu os furtos em 56%

A lei seca que deu certo

Para combater a delinqüência, a cidade aposta na educação dos jovens, na parceria entre as polícias e no limite do horário dos bares

Reduto histórico do PT, que governou a cidade durante a maior parte das duas últimas décadas, Diadema sofreu transformações profundas nesse período. Deixou de ser uma imensa favela no ABC paulista para se tornar uma cidade no pleno sentido da palavra. A mudança não se restringiu à construção de casas de alvenaria no lugar dos barracos de madeira nem à implantação de redes de

saneamento. Mesmo com ferramentas limitadas, a prefeitura decidiu enfrentar a praga da violência que aflige os habitantes. Investiu em programas voltados para a juventude e em ações conjuntas da Guarda Civil Municipal com as polícias Civil e Militar.

O lance decisivo foi a restrição de horário de funcionamento de bares, a chamada Lei Seca. Nos quase dois anos de vigência dessa lei, o nú-

mero de homicídios vem caindo sem parar. Segundo pesquisa da Secretaria da Defesa Social de Diadema e das delegacias seccionais de polícia, o ano de 2003 foi o que apontou o menor índice de homicídios no município no período de uma década – 167 casos. De 1994 a 1997, os assassinatos variaram entre 182 e 324 por ano. A fase mais crítica ocorreu em 1999, quando foram registrados 374 crimes de morte. Na atual gestão José de Filippi Júnior, a média dos homicídios é menor a cada mês.

Idéia francesa – “Não quero cair no lugar comum, mas tudo se resume mesmo à vontade política”, afirma o prefeito Filippi. Vontade política e boas idéias. De uma viagem à França, a secretária municipal de Defesa Social, Regina de Luca Miki, trouxe a idéia do policiamento comunitário. Ela foi posta em prática com o nome de Operação Anjos do Quarteirão. Trata-se de uma ronda a pé, feita por guardas muni-

ciais, em praças, ruas e escolas. Como os mesmos guardas são designados para vigiar sempre os mesmos locais, eles logo estabelecem relações de confiança e até de camaradagem com os moradores e os comerciantes. “Em três meses reduzimos em 56% furtos e roubos nas áreas onde atuam os anjos do quarteirão”, diz a secretária Regina.

Mas a iniciativa de maior repercussão foi a Lei Seca. No período entre 23h e 6h, todos os bares e casas notur-

nas de Diadema são fechados – exceto alguns estabelecimentos que conseguem licença por garantir a segurança da freguesia, têm acústica perfeita e não se situam em zona de risco. A lei começou a vigorar em julho de 2002, com 83% da população a favor. Hoje o índice de aprovação chega a 98%.

É quase unanimidade, mas os 2% que não concordam resistem ao limite de horário. Muitas vezes, é necessário exibir força para que a lei seja cumprida. Um grupo conhecido como Diadema Legal, composto de fiscais, guardas municipais e policiais militares, percorre os bairros todas as noites para fechar bares. A própria secretária já recebeu ameaças de morte e só anda com seguranças. “Estabelecimentos que davam guarida a traficantes foram os maiores prejudicados”, diz Regina.



Cultura da paz – Apesar dos confrontos, a Guarda Municipal, que anda armada, orgulha-se de não ter disparado nenhum tiro. “Praticamos a cultura da paz”, resume a secretária, citando diversos programas educativos. Um deles, o Projeto Adolescente Aprendiz, foi implantado nas regiões de maior incidência de crimes. Oferece oficinas culturais e iniciação ao mundo do trabalho a adolescentes. Quase todos os 1.264 jovens inscritos trabalham na prefeitura ou em empresas parceiras e recebem uma bolsa de R\$ 130 mensais.

A troca de informações entre a prefeitura e as polícias permitiu mapear toda a cidade, identificar as áreas críticas e seus tipos de delito. Foi possível, por exemplo, combater assaltos cometidos com uso de motocicletas. “Descobrimos que as motos eram roubadas e passamos a fazer bloqueios pela cidade, em ação conjunta da polícia e da Guarda Civil”, diz Regina. “Com a apreensão dos veículos, esse delito praticamente acabou.”

João Marcos Rainho, de Diadema

Encrenca com hora marcada

O baiano **Cândido Francisco da Silva** (à esq.) chegou a Diadema em busca de trabalho em 1962, quando tinha apenas 12 anos. Começou como faxineiro numa panificadora e acabou sócio do patrão. Depois, comprou o próprio negócio e hoje administra com filhos e sobrinhos a Padaria União da Vila, no bairro de Vila Nogueira. “Pão não é bom negócio”, afirma Cândido. “Ganhamos dinheiro mesmo é com o balcão do bar.” Antes da Lei Seca, a venda de bebidas alcoólicas era ao mesmo tempo solução e problema. “Os encrenqueiros chegavam após as 10 da noite”, recorda. “Era quando começavam as brigas e os assaltos.” Cândido, aliás,

comprou sua padaria do filho de um comerciante que morreu após “uma discussão com um pinguço”. Depois da Lei Seca, os clientes vão embora espontaneamente quando chega a hora de fechar.

Michele Perusso

